

# Coro

## Casa da Música

**27 Set 2015**  
**18:00 Sala Suggia**

-  
TRANSGRESSÕES

**Paul Hillier** *direcção musical*

### Inglaterra

**Henry Purcell** (1659-1695)

*I was glad when they said unto me*

**John Blow** (1649-1708)

*Salvator mundi*

**Purcell/Sven-David Sandström** (1942)

*Hear my prayer*

### Interlúdio

**Steve Reich** (1936)

*Clapping Music*

### América

**Justin Morgan** (1747-1798)

*Montgomery*

**Abraham Wood** (1752-1804)

*Brevity*

**Justin Morgan**

*Amanda*

**William Billings** (1746-1800)

*Jargon*

**Elisha West** (1756-1832)

*Evening Hymn*

### Interlúdio

**Steve Reich / Paul Hillier** (1949)

*Clapping Music* (arranjo vocal)

### Inglaterra

**John Dowland** (1563-1626)

**/ Paul Hillier**

*Lacrimae 1 a 3*

**Henry Bishop** (1786-1855)

*Who is Silvia*

**John Dowland / Paul Hillier**

*Lacrimae 4 e 5*

**Thomas Morley** (1557/8-1602)

*Sweet nymph come to thy lover*

**Robert Lucas de Pearsall** (1795-1856)

*Sing we and chaunt it*

**John Dowland / Paul Hillier**

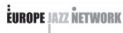
*Lacrimae 6 e 7*

Duração aproximada: 1 hora sem intervalo

Tradução dos textos originais nas páginas 7 a 11



A CASA DA MÚSICA É MEMBRO DE



O conceito de originalidade é, indubitavelmente, um dos valores mais propalados no paradigma artístico contemporâneo. Associada de um modo umbilical a uma imagem idealizada de qualquer processo de natureza criativa – fazendo-o depender de um momento de inspiração ou de um rasgo de genialidade –, a emergência deste conceito é, no entanto, relativamente recente. Com efeito, a conotação fortemente negativa hoje associada à noção de plágio na criação artística, enquanto apropriação reprovável e não declarada de parte do produto de uma originalidade alheia, apenas se principiou a fazer sentir a partir de meados do século XVIII.

No caso particular da criação musical, várias ordens de factores concorreram para que, até então, a utilização de material musical pré-existente nas novas obras fosse uma prática corrente e generalizada. Desde logo, na esteira de um consistente aproveitamento do vasto repertório de cantochão como um dos alicerces para os primeiros séculos de polifonia, Leonel Power (c.1370-1445), com a sua *Missa Alma Redemptoris Mater* (baseada na homónima antifona mariana), terá sido pioneiro na apropriação de uma melodia única como elemento estruturante e unificador do género *Missa*.

A partir do século XVI, tornou-se frequente a utilização da técnica de *paródia*, que implicava não apenas o uso de uma melodia pré-existente na concepção de uma nova obra musical, mas a incorporação de elementos da própria estrutura e substância da obra que serve de referência, incluindo temas, ritmos e harmonias. Esta técnica – dominada com grande mestria, entre outros, por Duarte Lobo (c.1565-1646), que baseou várias das suas missas em motetes de Giovanni Pierluigi da Palestrina (c.1525-1594) – permitia aos

compositores explorar e patentear as suas próprias capacidades e, em simultâneo, homenagear os autores dos seus modelos.

Já durante o período Barroco, por motivos que o musicólogo J. Peter Burkholder associa ao carácter funcional da música coeva, esta acabava, muitas vezes, por ser executada e escutada exclusivamente na ocasião para a qual havia sido concebida. Neste contexto, os compositores sentiam-se legitimados, e até mesmo compelidos, a aproveitar e reutilizar ideias, modelos ou excertos de obras anteriores nas suas novas criações, fenómeno a que não eram alheios os músicos mais proeminentes, como J. S. Bach (1685-1750) ou G. F. Händel (1685-1759) – compositor que, tendo assistido à clivagem de paradigma a este propósito, se viu a braços com acusações de plágio no ocaso da sua vida.

Talvez a forma mais directa e evidente de aproveitamento de material musical pré-existente consista, contudo, na adaptação de uma obra inicialmente concebida para um determinado efectivo vocal ou instrumental, tendo em vista a sua execução por uma formação distinta da original. Materializada em transcrições ou arranjos, esta prática é transversal à música ocidental, abarcando desde as ibéricas intabulações para vihuela de polifonia de matriz vocal ao longo do século XVI, até às hodiernas reduções para piano de obras culminantes do repertório orquestral. As suas motivações são pragmáticas: por um lado, promovem um exponencial alargamento do alcance das obras musicais, quando viabilizam a sua execução por efectivos muito inferiores; por outro lado, permitem a ampliação do repertório disponível para determinado instrumento ou ensemble.

É este o caso de **Clapping Music**, obra axial do programa de hoje, apresentada na versão original, composta em 1972 por Steve Reich (n.1936), e no recente arranjo para vozes da responsabilidade do Maestro Titular do Coro Casa da Música, Paul Hillier (n.1949). Steve Reich – Compositor em Associação na Casa da Música em 2011 e um dos precursores do Minimalismo, corrente musical surgida na cidade de Nova Iorque em meados da década de 1960, centrada na estaticidade e na repetição –, concebeu **Clapping Music** como uma peça que pudesse ser facilmente ensaiada num quarto de hotel, contornando os habituais constrangimentos associados às digressões. Nos seus próprios termos, Hillier adaptou esta obra para vozes “numa tentativa de aumentar a escassa quantidade de música de Steve Reich que os cantores podem interpretar sem acompanhamento”.

Por seu turno, a intervenção de Sven-David Sandström (n.1942) sobre **Hear my Prayer, o Lord**, de Henry Purcell (1659-1695), decorreu de um imperativo muito pessoal: de acordo com Rolf Ruggaard, o compositor sueco ter-se-á apaixonado pelo hino de Purcell, tendo-se sentido impellido a continuá-lo e a comentá-lo musicalmente. Assim, a sua interação com a peça apenas principia no ponto culminante, que é então prolongado e ampliado na construção de um novo clímax, subseqüentemente desmontado até um murmúrio final. Antes desta obra, serão interpretadas **I was glad** – outro dos quase setenta hinos da autoria de H. Purcell, escrito para a coroação de James II, em 1685 – e, do seu amigo e provável mestre John Blow (1649-1708), **Salvator mundi**, que constitui um eloquente e arrojado exemplo da utilização das dissonâncias e do cromatismo ao serviço de uma expressividade patética.

Enquanto Purcell é apontado como o nome cimeiro do panorama musical inglês da segunda metade do século XVII, John Dowland (1563-1626) pode ser considerado o seu mais ilustre antecessor. Porém, desenvolveu grande parte da sua carreira fora da Inglaterra natal, tendo passado por cidades como Paris, Wolfenbüttel, Roma, Veneza e Copenhaga antes de ver atingido o maior objectivo profissional em 1612, ano em que, finalmente, se tornou alaudista da corte inglesa. A sua influência não se circunscreveu ao prolífico e aclamado engenho musical: antecipando a premência de arranjos ou transcrições *a posteriori*, engendrou um formato editorial que permitia uma simultânea e indistinta adequação para voz solista acompanhada ao alaúde ou para um agrupamento vocal ou instrumental. O ciclo de **Lachrimae** (sub-tituladas de *Seaven Teares*), inicialmente publicado em 1604 numa versão para alaúde ou ensemble instrumental, é hoje apresentado numa adaptação vocal com textos de alguns dos maiores escritores de expressão inglesa, como Walter Raleigh (c.1554-1618), Robert Burton (1577-1640), George Herbert (1593-1633), T. S. Elliot (1888-1965) ou Dylan Thomas (1914-1953).

Contemporâneo de Dowland, Thomas Morley (1557/8-1602) estudou com William Byrd (c.1540-1623) enquanto enveredava por uma carreira que o levou a ocupar cargos de grande destaque nas Catedrais de Norwich e de St. Paul (Londres) e, a partir de 1592, na Capela Real, ao serviço da rainha Isabel I (1533-1603). Músico dotado de uma grande versatilidade, tornou-se num extremamente bem sucedido compositor, editor e teórico musical. Do seu marcante legado, sobressaem o tratado *A Plaine and Easie Introduction to Practicall Musicke* (1597)

– livre e elaborada mas acessível sùmula de vários tratados coetâneos, com uma notória influência de Byrd – e a importação do florescente repertório madrigalista italiano para o ambiente e gosto ingleses, com frequentes adaptações directas de obras de compositores como Orazio Vecchi (1550-1605), Giovanni Giacomo Gastoldi (1554-1609) ou Felice Anerio (c.1560-1614). O madrigal ***Sweet nymph, come to thy lover***, incluído por Morley nas suas *Canzonets to Two Voyces* (1595), baseia-se, precisamente, em *Su questi fior t'aspetto*, obra publicada por Anerio apenas nove anos antes.

***Who is Sylvia***, de Henry Bishop (1786-1855), e ***Sing we and chaunt it***, de Robert Lucas Pearsall (1795-1856), constituem, ainda que indirectamente, mais dois exemplos das intervenções de Morley sobre madrigais italianos. No primeiro caso, H. Bishop – compositor controverso, reconhecido como responsável pela sobrevivência da ópera inglesa na primeira metade do século XIX mas acusado de, no processo, ter mutilado obras de Wolfgang Amadeus Mozart (1756-1791) e Gioachino Rossini (1792-1868) – apropriou-se de melodias criadas por Morley e Thomas Ravenscroft (c.1592-c.1635) para o conhecido poema de William Shakespeare (1564-1616), sendo que, por sua vez, Morley se havia inspirado em *So ben mi c'hà bon tempo*, publicada por Orazio Vecchi na colectânea *Selva di varia ricreatione* (1590). O segundo caso patenteia o profundo interesse do músico e advogado Robert L. Pearsall pela Música Antiga, que o levou a ser um dos membros fundadores da Bristol Madrigal Society, em 1837, e a emular o estilo de T. Morley na composição de madrigais. Aqui, a obra homónima que serviu de base às duas versões de Pearsall, a quatro e a oito vozes, constitui uma referência directa

a *A lieta vita* (ou *L'innamorato*), contida em *Balletti a cinque voci* (1591), de G. G. Gastoldi.

O recital de hoje fica completo com uma incursão pela música vocal norte-americana da segunda metade do século XVIII. Este repertório autóctone, hoje em dia amplamente negligenciado, gozou de grande popularidade num período de afirmação dos Estados Unidos da América, concretizada na proclamação de independência no ano de 1776. Fortemente associado às dinâmicas comunidades cristãs locais, começou por se estabelecer em torno de melodias simples sobre textos religiosos. Foi-se posteriormente alargando a temas mais variados, como a jornada de trabalho ou outras cenas da vida mundana, mantendo quase sempre, porém, uma ligação ao divino.

Neste contexto, um dos mais reconhecidos compositores foi o autodidacta Justin Morgan (1747-1798). ***Montgomery*** e ***Amanda***, compostas sobre versões dos salmos 63 e 90 da autoria do teólogo Isaac Watts (1674-1748), são duas das suas obras mais emblemáticas, contando-se entre as peças mais frequentemente impressas durante o século XVIII. Apesar de ter tido uma carreira relativamente mais obscura que Morgan, Elisha West (1756-c.1832) foi um dos promotores de uma forma alternativa de notação musical, que se pretendia mais intuitiva e, consequentemente, mais adequada a grupos amadores. Esta notação foi utilizada na colectânea *The Christian Harmony* (1805), onde se inclui ***Evening Hymn***.

Numa perspectiva mais secular, a produção musical de Abraham Wood (1752-1804) é indissociável do seu percurso militar durante o período revolucionário, como fica claro em *A Hymn on Peace* (1784) – em que se celebra o Tratado de Paris, que pôs termo à Guerra

da Independência dos Estados Unidos da América – ou *Funeral Elegy on the Death of General George Washington* (1800). **Brevity** é uma pungente reflexão sobre a brevidade e o carácter transitório da vida humana. A figura mais influente no estabelecimento desta corrente musical estado-unidense foi, no entanto, Walter Billings (1746-1800). Com uma formação quase exclusivamente auto-didacta, à semelhança de vários dos seus coetâneos, forjou uma extraordinária reputação enquanto pedagogo e compositor. A sua primeira publicação, *The New England Psalm-Singer* (1770), é o mais antigo exemplo de um livro exclusivamente dedicado a um único compositor norte-americano. **Jargon**, obra incluída no seu *The Singing Master's Assistant* (1778), materializa uma bem-humorada resposta aos críticos que o acusavam de transgredir demasiadas regras de composição.

LUÍS TOSCANO, 2015

## **Henry Purcell**

### *Alegrei-me quando me disseram*

Alegrei-me quando me disseram: Vamos para a casa do Senhor.  
Para lá sobem as tribos, as tribos do Senhor: para testemunhar por Israel, para dar graças ao Nome do Senhor.  
Lá está o trono do julgamento: o trono da casa de David.  
Orai pela paz de Jerusalém: prosperarão aqueles que vos amam.  
A paz esteja dentro dos teus muros: e prosperidade nos teus palácios.  
Glória ao Pai, ao Filho, e ao Espírito Santo; Como era no princípio, agora, e para todo o sempre.  
O Mundo não terá fim  
Ámen

## **John Blow** *Salvator mundi*

Salvador do mundo,  
pela tua cruz e paixão nos redimiste.  
Salva-nos e ajuda-nos, humildemente Te pedimos.

## **Purcell/Sven-David Sandström**

### *Escuta a minha oração*

Senhor, escuta a minha oração  
E aceita o meu clamor

## **Justin Morgan** *Montgomery*

De madrugada meu Deus, sem demora,  
eu me apresso a buscar a Tua face;  
A minha alma sedenta desfalece,  
Sem a Tua graça encorajadora:  
Também os peregrinos na areia tórrida,  
Sob o céu escaldante, anseiam por um riacho refrescante,  
E devem beber ou morrer.

## **Abraham Wood** *Brevidade*

Homem, nascido da mulher, como uma flor de vida breve se vê desabrochar;  
De manhã floresce, ao anoitecer  
Ele murcha, cai, e morre.  
Ele murcha, cai, e morre.

2. As suas alegrias são sombras ilusórias,  
E instáveis como o vento:  
Como os navios, como as setas no ar,  
Eles não deixam rasto para trás.  
Eles não deixam rasto para trás.

3. No meio da vida chega a morte:  
Dela não há refúgio;  
Mas, todos apontados, para nos parar a respiração,  
Dez mil dardos voarão.  
Dez mil dardos voarão.

## **Justin Morgan** *Amanda*

1. A morte, como uma enxurrada,  
Arrebata-nos a nossa vida é um sonho.  
Um conto vazio, uma flor da manhã  
Cortada e murcha ao fim de uma hora.

2. Vivemos até aos setenta anos de idade:  
Tão curto o prazo!  
Tão frágil o estado!  
E se chegamos aos oitenta,  
Mais iremos suspirar e gemer que viver.

3. Ensinai-nos Senhor, a fragilidade do homem;  
E por caridade alongai o nosso tempo:  
Até que um sábio golpe de piedade nos prepare para morrer, e ir morar convosco.

### **William Billings** *Jargão*

Que o horrendo Jargão rasgue o Ar e desfaça os nervos em pedaços.  
Que a odiável discórdia saúde o ouvido tão terrivelmente como o Trovão.  
Que a harmonia seja banida daqui e que a Consonância parta;  
Que a dissonância erga o seu trono e reine dentro do meu Coração.

### **Elisha West** *Oração da Noite*

1. O dia passou e foi-se,  
Surgem as sombras da noite,  
E que todos lembremos bem  
Que a noite da morte nos aproxima.

2. Tapamo-nos com nossos mantos,  
Nas nossas camas para descansar;  
Para que a morte em breve nos dispa a todos,  
Do que aqui nós possuímos.

3. Senhor protegei-nos esta noite,  
Guardai-nos dos nossos medos;  
Que os anjos nos guardem no sono,  
Até que a luz da manhã nasça.

4. E quando cedo nos levantarmos,  
E virmos o incansável sol,  
Que nos proponhamos a ganhar o prémio,  
E atrás da glória corramos.

5. E quando os nossos dias passarem  
E do tempo formos arrancados,  
Possamos no teu peito repousar,  
O peito do teu amor.

### **John Dowland** *Lacrimae* 1 a 3

1. *Lacrimae Antiquae*, texto de John Dowland, em 2º Livro de Canções (1600)

Correi lágrimas minhas, jorrai de vossas fontes,  
Exilado para sempre deixai-me chorar;  
Onde o pássaro negro da noite sua triste infâmia canta,  
Aí deixai-me viver abandonado.

Esmorecei vãs luzes, não brilheis mais!  
Nenhuma noite é escura o suficiente para aqueles  
Que em desespero sua derradeira sorte lamentam.  
A luz revela apenas a vergonha.

Jamais o meu infortúnio poderá ser aliviado,  
Pois a compaixão abandonou-me;  
E lágrimas e suspiros e queixumes, os meus extenuados dias  
De todas as alegrias privaram.

Do mais alto pináculo da felicidade  
Minha fortuna foi lançada;  
E medo e angústia e dor para o meu desamparo  
São a minha esperança, pois a esperança foi-se embora.  
Escutai! Vós sombras que as trevas habitais,



Aprende a desprezar a luz  
Felizes, felizes aqueles que no inferno  
Não sentem o desdém do mundo.

2. *Lachrimae Antiquae Novae*, texto *Burnt Norton* de T.S. Eliot em *Quatro Quartetos* (1941)

O tempo e o sino enterraram o dia,  
A nuvem negra leva consigo o sol.  
Irá o girassol virar-se para nós, irá a clematite  
Desprender-se, debruçar-se sobre nós; a  
gavinha e a vergôntea  
Unir-se e agarrar-se?

Os frígidos  
Dedos do teixo enrolar-se-ão  
Sobre nós? Depois de a asa do guarda-rios  
Ter respondido à luz com luz, e se silenciar, a  
luz está suspensa  
No fulcro do mundo em rotação.

3. *Lachrimae Gementes*, texto de Dylan Thomas, *Não entres suavemente nessa noite serena* (1951)

Não entres suavemente nessa noite serena,  
A velhice deveria queimar e revoltar-se ao  
fim do dia;  
Revolta-te, revolta-te contra a luz que  
esmorece.

Ainda que no fim os homens sábios aceitem  
as trevas,  
Porque se esgotou o raio nas suas palavras, eles  
Não entram suavemente nessa noite serena.

Homens justos, no último aceno, clamando  
com que alvura  
Os seus frágeis actos bailariam numa verde  
baía,  
Revoltam-se, revoltam-se contra a luz que  
esmorece.

Homens loucos que abraçaram e cantaram  
o sol em pleno voo,  
E aprenderam, tarde demais, que o afligiam  
na sua travessia,  
Não entram suavemente nessa noite serena.

Homens graves, próximo da morte, que  
vêm com clareza ofuscante,  
Olhos cegos que podem brilhar como  
meteoros e ser alegres,  
Revoltam-se, revoltam-se contra a luz que  
esmorece.

E tu, meu pai, lá no triste apogeu,  
Maldiz-me, abençoa-me agora com tuas  
lágrimas dilacerantes, eu te suplico.  
Não entres suavemente nessa noite serena.  
Revolta-te, revolta-te contra a luz que  
esmorece.

### **Henry Bishop** *Quem é Sílvia?*

Quem é Sílvia? O que é ela,  
Que todos os nossos varões a elogiam?  
Ela é santa, bela, e sábia;  
Os céus tanta graça lhe emprestaram,  
Que ela pode ser adorada.

Será bondosa, como é bela?  
Pois a beleza vive com a bondade.  
O amor vem aos seus olhos curar-se  
Para o ajudar na sua cegueira,  
E sendo ajudado aí mora.

Cantemos então a Sílvia  
Que Sílvia se supera;  
Ela supera todas as criaturas  
Que vivem nesta terra enfadonha  
Para ela traremos grinaldas.

**John Dowland** *Lacrimae 4 e 5*

4. *Lacrimae Tristes*, dois poemas de Sir Walter Raleigh, escritos na noite antes da sua morte e deixados na Casa do Guarda (1618)

Assim mesmo é o tempo, que leva na confiança  
A nossa juventude, nossas alegrias, tudo o que temos,  
E que apenas nos paga com idade e pó:  
Quem na campa escura e silenciosa  
Quando já percorremos todos os caminhos  
Cala a história dos nossos dias.  
E dessa terra e laje e pó  
O Senhor me ressuscitará, eu acredito.

2. O que é a nossa vida? Um teatro de paixão,  
A nossa alegria a música da divisão,  
Os ventres das nossas mães são os camarins,  
Onde nos vestimos para a curta Comédia,  
O Céu é o espectador judicioso e incisivo,  
Que se senta e regista as falhas na nossa actuação,  
As nossas sepulturas que nos escondem do Sol ardente,  
São como as cortinas corridas quando a peça acaba.  
Assim representando caminhamos para a nossa última morada,  
Só que morremos a sério, não a brincar.

5. *Lacrimae Coactae*, texto de Robert Burton em *A anatomia da Melancolia* (1621)

Muitos homens ficam melancólicos ao ouvir música,  
Mas é uma melancolia agradável que é causada;  
E portanto, para os que estão descontentes, pesarosos, receosos, tristes ou desanimados, É um remédio muito presente;  
Afasta as preocupações, altera as suas mentes perturbadas,  
E alivia-as por um instante.

**Thomas Morley**

*Doce ninfa vinde ao vosso amado*

Doce ninfa vinde ao vosso amado,  
Hei, aqui sós o nosso amor podemos descobrir,  
Onde o rouxinol trina lascivas glosas,  
Ouvi! O seu amor também ela mostra.

**Robert Lucas Pearsall** *Trovemos e cantemos*

Trovemos e cantemos  
enquanto o amor o permite,  
fa la la, la la la

Não durou muito a juventude,  
e muito dura a velhice;  
agora é melhor lazer  
Saborear o prazer,  
fa la la la la.

**John Dowland** *Lacrimae 6 e 7*

6. *Lacrimae Amantis*, texto de George Herbert em *Homem de O Templo* (1633)

Meu Deus, eu ouvi hoje,  
Que ninguém deve construir uma casa  
majestosa,  
A não ser que pretenda lá morar.  
Que casa mais majestosa terá havido  
Ou possa existir, do que o Homem?  
perante cuja criação  
Todas as coisas se tornam pequenas.

Pois o Homem é tudo  
E mais: É uma árvore, mas não dá fruto;  
É um animal, e no entanto é, ou deveria  
ser, mais:  
Razão e discurso só nós possuímos.  
Os papagaios podem agradecer-nos, se  
não forem mudos,  
Imitam bem aquilo que ouvem.

As estrelas têm-nos para adormecer;  
A noite fecha a cortina, que o sol retira;  
Música e luz anseiam pela nossa mente.  
Tudo na nossa carne é bom  
Na sua descendência e existência; na  
nossa mente  
Na sua razão de ser e causa.

7. *Lacrimae Verae*, texto *Little Gidding*  
de T.S. Eliot, em *Quatro Quartetos*  
(1942)

A pomba mergulhando rasga o ar  
Com chamas de terror incandescente  
Da qual as línguas declaram  
A única redenção do pecado e do erro.  
A única esperança, ou então o desespero  
Jaz na escolha entre a pira ou a pira  
Ser redimido do fogo pelo fogo.  
Quem pois concebeu o tormento? O  
Amor.  
Amor é o Nome não familiar  
Por trás das mãos que tecem  
A intolerável camisa de fogo  
Que poder humano algum não pode  
retirar.  
Apenas vivemos, apenas suspiramos  
Consumidos pelo fogo ou pelo fogo.

TRADUÇÃO: JOAQUIM FERREIRA

## **Paul Hillier** *direcção musical*

Paul Hillier, Director Fundador do Hilliard Ensemble e do Theatre of Voices, tornou-se um dos principais maestros corais do mundo. Foi Maestro Titular do Coro de Câmara Filarmónico da Estónia (2001- 2007) e é Titular do Ars Nova Copenhagen desde 2003. Em 2008 tornou-se Maestro Titular do Coro de Câmara Nacional da Irlanda, e em 2009 assumiu o mesmo cargo no Coro Casa da Música.

As suas mais de 150 gravações em CD incluem sete recitais a solo e foram aclamadas em todo o mundo, conquistando numerosos prémios. Recebeu um Grammy Award por *Da Pacem de Arvo Pärt* (Melhor Gravação Coral) com o Coro de Câmara Filarmónico da Estónia, e outro por *The Little Match Girl Passion* de David Lang com o Theatre of Voices e o Ars Nova Copenhagen (Harmonia Mundi).

Colabora regularmente com os principais coros de câmara europeus e artistas como Kronos Quartet, Peter Sellars, Bobbie McFerrin, Tim Rushton e Richard Alston. Como convidado, dirigiu a London Sinfonietta, Orquestra de Câmara St. Paul, Concerto Copenhagen, Athelas Sinfonietta, Orquestra de Câmara de Tallinn, Orquestra Barroca Irlandesa, Remix Ensemble, Concerto Palatino, Fretwork, Ensemble de Sopros da Holanda, I Solisti del Vento, Ensemble de Sopros da Suécia, Orquestra Sinfónica Estatal da Estónia, Filarmónicas de Copenhaga e de Tóquio, Sinfónicas de Sønderjyllands, Taiwan e Utah e Sinfónica do Porto Casa da Música.

Entre os seus compromissos recentes destacam-se concertos no Southbank em Londres, Festival Internacional de Bergen,

BBC Proms, Ópera Real Dinamarquesa em Copenhaga, Carnegie Hall, Festival de Edimburgo e Musikfest Berlin com o Coro da Rádio de Berlim.

Paul Hillier nasceu em Dorchester e estudou na Guildhall School of Music and Drama em Londres. Ensinou na Universidade da Califórnia (Santa Cruz e Davis) e foi Director do Early Music Institute na Universidade de Indiana entre 1996 e 2003. Os seus livros sobre Arvo Pärt e Steve Reich, juntamente com numerosas antologias de música coral, são publicados pela Oxford University Press. Em 2006 foi condecorado com a Ordem do Império Britânico pelos serviços prestados à música coral. Em 2013 foi nomeado Cavaleiro da Ordem de Dannebrog.

## CORO CASA DA MÚSICA

**Paul Hillier** *maestro titular*

O Coro Casa da Música estreou-se em 2009 sob a direcção do seu maestro titular Paul Hillier, referência incontornável da música coral a nível internacional. É constituído por uma formação regular de 18 cantores, que se alarga a formação média ou sinfónica em função dos programas apresentados. O repertório do Coro estende-se a todos os períodos históricos desde a Renascença até aos nossos dias, incluindo a música *a cappella* ou com orquestra, neste caso ao lado dos agrupamentos da Casa da Música – Orquestra Barroca, Orquestra Sinfónica e Remix Ensemble.

Desde a sua fundação, o Coro Casa da Música foi dirigido pelos maestros James Wood, Simon Carrington, Laurence Cummings, Andrew Bisantz, Kaspars Putniņš, Andrew Parrott, Antonio Florio, Christoph König, Peter Rundel, Paul Hillier, Robin Gritton, Michail Jurowski, Martin André, Marco Mencoboni, Baldur Brönnimann e Olari Elts, a que se juntam em 2015 as estreias de Gregory Rose, Takuo Yuasa e Nicolas Fink.

Colaborou com os agrupamentos instrumentais da Casa da Música na interpretação da *Missa em Dó menor* de Mozart, *Cantatas de Natal* de Bach (no Porto e em Ourense), *O Cântico Eterno* de Janáček, a *Sinfonia Coral* de Beethoven, o *Requiem à memória de Camões* de Bomtempo, o *Requiem Alemão* de Brahms, a 3ª *Sinfonia* de Mahler, o *Messias* de Händel, o *Te Deum* de Charpentier, a *Oratória de Natal* e *Cantatas* de Bach, o *Te Deum* de António Teixeira e o *Requiem* de Verdi. Em programas *a cappella*, destaca-se a presença regular da música portuguesa, com especial incidência nas obras dos

grandes polifonistas do Renascimento mas também na música do século XX. Tem interpretado diversas obras em estreia nacional e fez a estreia mundial de *Motetes* de Carlo Gesualdo na versão reconstruída por James Wood e de uma nova obra de Carlos Caires.

Na temporada de 2015, o Coro Casa da Música volta-se especialmente para a grande tradição coral germânica, interpretando o *Magnificat* de Bach, a *Missa Solene* de Beethoven, a *Oratória de Natal* de Schütz e ainda obras de Stockhausen e Lachenmann.

O Coro Casa da Música faz digressões regulares, tendo actuado no Festival de Música Antiga de Úbeda y Baeza (Espanha), no Festival Laus Polyphoniae em Antuérpia, no Festival Handel de Londres, no Festival de Música Contemporânea de Huddersfield, no Festival Tenso Days em Marselha, e em várias salas portuguesas.

Iris Oja é a maestrina co-repetidora do Coro Casa da Música.

**Sopranos**

Ana Caseiro

Ângela Alves

Eva Braga Simões

Leonor Barbosa de Melo

Rita Venda

**Contraltos**

Ana Calheiros

Brígida Silva

Iris Oja

Joana Valente

**Tenores**

Almeno Gonçalves

André Lacerda

Luís Toscano

Miguel Silva

**Baixos**

João Barros Silva

Luís Rendas Pereira

Nuno Mendes

Pedro Guedes Marques

Ricardo Torres

**Maestrina co-repetidora**

Iris Oja

## FUNDAÇÃO CASA DA MÚSICA

### CONSELHO DE FUNDADORES

#### Presidente

LUÍS VALENTE DE OLIVEIRA

#### Vice-Presidentes

JOÃO NUNO MACEDO SILVA

JOSÉ ANTÓNIO TEIXEIRA

ESTADO PORTUGUÊS

MUNICÍPIO DO PORTO

GRANDE ÁREA METROPOLITANA DO PORTO

AÇA GROUP

ÁGUAS DO PORTO

AMORIM INVESTIMENTOS E PARTICIPAÇÕES, SGPS, S. A.

ARSOPI - INDÚSTRIAS METALÚRGICAS ARLINDO S. PINHO, S. A.

AUTO - SUECO, LDA.

AXA PORTUGAL, COMPANHIA DE SEGUROS, S. A.

BA VIDRO, S. A.

BANCO BPI, S. A.

BANCO CARREGOSA

BANCO COMERCIAL PORTUGUÊS, S. A.

BANCO SANTANDER TOTTA, S. A.

BIAL - SGPS S. A.

CAIXA ECONÓMICA MONTEPIO GERAL

CAIXA GERAL DE DEPÓSITOS

CEREALIS, SGPS, S. A.

CHAMARTIN IMOBILIÁRIA, SGPS, S. A.

COMPANHIA DE SEGUROS ALLIANZ PORTUGAL, S. A.

COMPANHIA DE SEGUROS TRANQUILIDADE, S. A.

CONTINENTAL MABOR - INDÚSTRIA DE PNEUS, S. A.

CPCIS - COMPANHIA PORTUGUESA DE COMPUTADORES INFORMÁTICA E SISTEMAS, S. A.

FUNDAÇÃO EDP

EL CORTE INGLÉS, GRANDES ARMAZÉNS, S. A.

GALP ENERGIA, SGPS, S. A.

GLOBALSHOPS RESOURCES, SLU

GRUPO MEDIA CAPITAL, SGPS S. A.

GRUPO SOARES DA COSTA, SGPS, S. A.

GRUPO VISABEIRA - SGPS, S. A.

III - INVESTIMENTOS INDUSTRIAIS E IMOBILIÁRIOS, S. A.

LACTOGAL, S. A.

LAMEIRINHO - INDÚSTRIA TÊXTIL, S. A.

METRO DO PORTO, S. A.

MSFT - SOFTWARE PARA MICROCOMPUTADORES, LDA.

MOTA - ENGIL SGPS, S. A.

MUNICÍPIO DE MATOSINHOS

NOVO BANCO S.A.

OLINVEST - SGPS, LDA.

PESCANOVA

PORTO EDITORA, S.A.

PORTUGAL TELECOM, SGPS, S. A.

PRICEWATERHOUSECOOPERS & ASSOCIADOS

RAR - SOCIEDADE DE CONTROLE (HOLDING), S. A.

REVIGRÉS - INDÚSTRIA DE REVESTIMENTOS DE GRÉS, S. A.

TOYOTA CAETANO PORTUGAL, S. A.

SOGRAPE VINHOS, S. A.

SOLVERDE - SOCIEDADE DE INVESTIMENTOS TURÍSTICOS DA COSTA VERDE, S. A.

SOMAGUE, SGPS, S. A.

SONAE SGPS S. A.

TERTIR, TERMINAIS DE PORTUGAL, S. A.

TÊXTIL MANUEL GONÇALVES, S. A.

UNICER, BEBIDAS DE PORTUGAL, SGPS, S. A.

### EMPRESAS AMIGAS DA FUNDAÇÃO

CACHAPUZ

CIN S. A.

CREATE IT

DELOITTE

EUREST

GRUPO DOUROAZUL

MANVIA S. A.

NAUTILUS S. A.

SAFIRA FACILITY SERVICES S. A.

STRONG SEGURANÇA S. A.

### OUTROS APOIOS

FUNDAÇÃO ADELMAN

I2S

PATHENA

RAR

SANTA CASA DA MISERICÓRDIA DE LISBOA

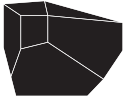
VORTAL

### PATRONO MAESTRO TITULAR REMIX ENSEMBLE CASA DA MÚSICA

SONAE SIERRA

### PATRONO DO CONCERTINO DA ORQUESTRA SINFÓNICA DO PORTO CASA DA MÚSICA

THYSENKRUPP



casa da música

MECENAS PROGRAMAS DE SALA

MECENAS CASA DA MÚSICA

APOIO INSTITUCIONAL

MECENAS PRINCIPAL  
CASA DA MÚSICA

**mas** PORTO PALÁCIO  
CONGRESS HOTEL & SPA  
OPORTUNIDADE CULTURAL

**SONAE**

 GOVERNO DE  
PORTUGAL  
SECRETÁRIO DE ESTADO  
DA CULTURA

 **BPI**